

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE PEDAGOGIA

JÚLIA FERNANDA MOREIRA FARAH

**GESTÃO ESCOLAR COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DA
ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NO ENSINO MÉDIO**

São Luís
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE PEDAGOGIA

**GESTÃO ESCOLAR COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DA
ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, sob a orientação da Prof^a. Dra. Verônica Lima Carneiro Moreira, para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

São Luís
2025

JÚLIA FERNANDA MOREIRA FARAH

**GESTÃO ESCOLAR COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DA
ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NO ENSINO MÉDIO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, sob a orientação da Prof^a. Dra. Verônica Lima Carneiro Moreira para o grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado(a) em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Verônica Lima Carneiro Moreira
Orientadora

Prof. Dr. Carlos André Sousa Dublante
1^a Examinador

Prof. Dr.
2^a Examinador

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Farah, Júlia Fernanda Moreira.

Gestão escolar como instrumento de fortalecimento da
orientação vocacional no ensino médio / Júlia Fernanda
Moreira Farah. - 2025.

57 f.

Orientador(a): Verônica Lima Carneiro Moreira.

Monografia (Graduação) - Curso de Pedagogia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão,
2025.

1. Gestão Escolar. 2. Ensino Médio. 3. Orientação
Vocacional. I. Moreira, Verônica Lima Carneiro. II.
Título.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha família de origem: minha mãe, meu pai e minha irmã que foram minha base, meu alicerce ao longo de toda a vida. O suporte incondicional de vocês foi fundamental para a realização dos meus sonhos e para que eu pudesse chegar até aqui.

Em seguida, agradeço à família que construí: ao meu companheiro André, que escutou pacientemente minhas dificuldades e esteve ao meu lado em cada momento deste percurso acadêmico, oferecendo seu apoio sempre que precisei. E ao meu filho Dante, que é a principal motivação e a força maior para a produção deste trabalho.

Sou também imensamente grata aos meus avós, cujo cuidado, incentivo e preocupação foram essenciais durante essa e tantas outras jornadas da minha vida.

Não poderia deixar de mencionar as amigas que fiz ao longo destes quatro anos de curso: Anne, Julia, Rayanne, Siuleny, Tatiara e Wendy. Vocês foram luz, alegria e um suporte imprescindível para tornar essa caminhada mais leve e prazerosa, especialmente nos momentos mais difíceis.

Agradeço, também, à equipe de professores do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, com quem tive o privilégio de aprender e compartilhar conhecimentos tão valiosos. Meu reconhecimento se estende a toda a instituição e a seus funcionários, que fazem a universidade ser um espaço de crescimento e transformação.

Por fim, deixo meu mais sincero agradecimento à professora doutora Verônica Lima Moreira Carneiro, que me guiou e orientou com atenção, dedicação e paciência durante todo o desenvolvimento deste trabalho. Sua postura acolhedora e seu apoio constante foram decisivos para que este processo acontecesse de forma tranquila e enriquecedora.

Muito obrigada a todos que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta caminhada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar como a gestão escolar pode atuar como instrumento de fortalecimento da orientação vocacional no ensino médio, levando em conta o papel desempenhado pela escola na criação do projeto de vida dos estudantes. A escolha deste tema se justifica pelas dificuldades enfrentadas por jovens estudantes do ensino médio nas suas escolhas profissionais e pela necessidade de uma ação escolar que vá além da transmissão de conteúdos técnicos, promovendo uma formação integral do indivíduo. A pesquisa teve abordagem qualitativa, sendo realizada em uma escola pública estadual de ensino médio localizada na cidade de São Luís no Maranhão, com o auxílio de entrevistas semiestruturadas aplicadas a três sujeitos integrantes do ambiente escolar: o gestor, uma professora e um estudante do 1º ano. A análise dos dados permitiu identificar que, embora a escola desenvolva ações voltadas ao eixo de orientação vocacional, como parcerias com universidades e iniciativas isoladas de professores, ainda não possui um projeto próprio e sistematizado que atenda essa questão. Os relatos dos participantes demonstram consciência da importância deste tema e apontam para o protagonismo e autonomia de professores e da gestão escolar no processo, apesar de enfrentarem limitações estruturais e das próprias lacunas na política educacional. Conclui-se que a gestão escolar tem papel estratégico e fundamental na articulação de práticas pedagógicas integradoras, sendo essencial para consolidar ações que favoreçam escolhas conscientes e o desenvolvimento de projetos de vida entre os estudantes do ensino médio.

Palavras-chave: Gestão Escolar; Ensino Médio; Orientação Vocacional.

ABSTRACT

This work aims to analyze how school management can act as an instrument for strengthening vocational guidance in high school, taking into account the role played by the school in the creation of the students' life project. The choice of this theme is justified by the difficulties faced by young high school students in their professional choices and the need for a school action that goes beyond the transmission of content, promoting an integral formation of the individual. The research had a qualitative approach, being conducted at a state public high school located in the city of São Luís in Maranhão, with the aid of semi -structured interviews applied to three subjects of the school environment: the manager, a teacher and a 1st year student. Data analysis allowed us to identify that, although the school develops actions aimed at the vocational guidance axis: as partnerships with universities and isolated teachers' initiatives, it does not yet have its own and systematized project that meets this issue. The participants' reports show awareness of the importance of this theme and point to the protagonism and autonomy of teachers and school management in the process, although they face structural limitations and the gaps themselves in educational policy. It is concluded that school management plays a strategic and fundamental role in the articulation of integrative pedagogical practices, being essential to consolidate actions that favor conscious choices and the development of life projects among high school students.

Keywords: School Management; High School; Vocational Guidance.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DCNEM – Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira

MA – Maranhão

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NO ENSINO MÉDIO: Fundamentos teóricos e contextuais.....	14
2.1 Compreendendo a orientação vocacional: conceitos e abordagens.....	17
2.2 A adolescência como etapa decisiva: construção de identidade e projeto de vida.....	19
3 O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NO FORTALECIMENTO DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL	22
3.1 A gestão democrática como promotora de ações integradas de orientação vocacional.....	23
3.2 Planejamento pedagógico e práticas integradas de apoio à escolha profissional.....	27
4 A GESTÃO ESCOLAR COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO EM SÃO LUÍS (MA).....	31
4.1 Metodologia da Pesquisa.....	31
4.2 Análise e Discussão dos Dados.....	33
4.2.1 Visão do diretor sobre ações de orientação vocacional.....	35
4.2.2 Percepção da professora quanto ao apoio à escolha profissional dos estudantes.....	40
4.2.3 Voz do estudante: expectativas, dúvidas e influências nas escolhas vocacionais.....	44
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	53
APÊNDICES	

1 INTRODUÇÃO

A escola configura-se como um espaço formativo cuja função transcende a simples transmissão de conhecimentos técnicos. Seu ambiente e suas práticas devem proporcionar aos estudantes experiências de aprendizagem significativas, que promovam o desenvolvimento do pensamento crítico, da consciência social e da cidadania, nesse contexto, a equipe gestora assume um papel essencial ao articular as dimensões pedagógica, administrativa e social, contribuindo ativamente para o processo de construção da identidade dos educandos e educandas.

Ao se considerar os aspectos acima, ao ingressar no ensino médio, etapa final da educação básica, o estudante se depara com conflitos e incertezas relacionados à construção de sua identidade profissional, essa fase coincide com a adolescência, período naturalmente marcado por transformações emocionais, sociais e cognitivas, econômicas e culturais. Diante disso, torna-se essencial o apoio da equipe escolar no sentido de acolher dúvidas, orientar diante de conflitos internos e apresentar possibilidades até então desconhecidas acerca de seu futuro educacional e profissional.

É possível observar que, muitas vezes, a orientação vocacional surge nos discursos institucionais como uma intenção, mas sem o devido planejamento pedagógico estruturado o que acaba tornando essa função dispersa ou restrita a alguns momentos do ano letivo e da etapa do ensino médio em si.

Dessa forma, a gestão escolar deve estar profundamente comprometida com o contexto histórico e social da instituição, atuando em consonância com a equipe docente, a comunidade e as demandas dos estudantes. Esse alinhamento torna-se possível por meio de processos de escuta ativa junto aos sujeitos envolvidos e de um planejamento pedagógico crítico, com intencionalidade política voltada à promoção de um processo de escolha profissional mais consciente, significativo e transformador para os alunos.

O ensino médio, por representar a etapa final da educação básica, concentra por si só expectativas e cobranças sobre o futuro dos estudantes, especialmente em relação ao ingresso no ensino superior ou no mercado de trabalho, diante disso,

a ausência de políticas locais voltadas à orientação pode agravar o sentimento de insegurança, deixando os jovens sem o apoio necessário para construir suas escolhas.

A presente pesquisa tem como foco aprofundar a compreensão sobre o papel da gestão escolar enquanto agente integrador no ambiente educacional, especialmente no que se refere à articulação de ações e projetos voltados para a orientação vocacional de estudantes do ensino médio. Busca-se analisar como essa mediação e iniciativa são percebidas por discentes e docentes, bem como os impactos gerados em suas práticas pedagógicas e em seus percursos pessoais e profissionais.

Para a produção deste trabalho, utilizou-se a abordagem qualitativa, por permitir uma análise mais aprofundada e contextualizada da realidade estudada, valorizando a singularidade do objeto de pesquisa, foi realizada também uma pesquisa de campo em uma instituição de ensino público localizada em São Luís, Maranhão, por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas com o gestor escolar, professores e estudantes. O objetivo foi compreender e analisar as práticas de orientação vocacional desenvolvidas na escola, bem como os impactos dessas ações no cotidiano da comunidade escolar, a partir da perspectiva dos sujeitos envolvidos.

A motivação para a escolha deste tema surgiu a partir da experiência vivenciada durante o estágio de Gestão e Organização do Ensino Médio, em uma escola da rede estadual do Maranhão. Por meio de relatos do gestor escolar, ficou evidente que a orientação vocacional é um aspecto fundamental a ser trabalhado com os alunos do ensino médio. No entanto, também se constatou a ausência de projetos específicos voltados a essa temática no projeto político-pedagógico da instituição, o que reforça a relevância da discussão e da pesquisa sobre o tema.

Embora a orientação vocacional seja frequentemente associada à etapa final do ensino médio, nem sempre os estudantes recebem apoio suficiente para refletir sobre suas possibilidades, essa ausência de acompanhamento sistematizado oficialmente no currículo dificulta o planejamento de trajetórias educacionais que dialoguem com os interesses e as realidades de vida de cada jovem, a equipe de gestão escolar, nesse contexto, tem condições de atuar de forma mais efetiva ao lado dos professores e demais profissionais da escola.

A motivação para estudar o tema surgiu também da percepção de que a orientação vocacional costuma ser tratada como algo eventual ou vinculado a eventos pontuais, e não como parte integrada da rotina escolar, essa constatação ficou evidente ao longo das experiências vivenciadas durante o estágio, nas quais se observou a escassez de práticas permanentes voltadas ao projeto de vida dos estudantes.

Sendo assim, para melhor organização e compreensão do estudo, além da introdução e das considerações finais, este trabalho está estruturado em três seções principais. A primeira seção, intitulada “A Orientação Vocacional no Ensino Médio: fundamentos teóricos e contextuais”, apresenta uma contextualização do conceito de orientação vocacional, abordando seus diferentes métodos e práticas, também propõe uma reflexão sobre a adolescência enquanto etapa de desenvolvimento marcada por escolhas significativas, relacionando esse momento à construção da identidade dos estudantes como sujeitos sociais e cidadãos.

A seção seguinte, intitulada “O Papel da Gestão Escolar no Fortalecimento da Orientação Vocacional”, tem como objetivo analisar criticamente o papel da gestão escolar como precursora de iniciativas voltadas à orientação vocacional, com base em uma perspectiva democrática e integradora, busca-se destacar como a gestão pode articular ações que envolvam todos os agentes internos e externos à escola, promovendo práticas formativas que contribuam para a construção consciente dos projetos de vida dos estudantes.

A terceira seção, intitulada “A gestão escolar como instrumento de fortalecimento da orientação vocacional em uma escola pública de ensino médio em São Luís (MA)”, apresenta os dados obtidos na pesquisa de campo realizada na instituição. Os resultados evidenciam lacunas significativas nas iniciativas da gestão escolar no que se refere à promoção de uma orientação vocacional contextualizada, planejada de forma específica para atender às particularidades e necessidades da escola em sua realidade singular.

Na seção destinada às Considerações Finais, espera-se que os resultados desta investigação possam servir como ponto de partida para reflexões e questionamentos, contribuindo, assim, para a melhoria das práticas pedagógicas oferecidas aos estudantes do ensino médio, especialmente no que diz respeito à

orientação vocacional, que é uma temática de grande relevância em uma fase tão decisiva e desafiadora da vida dos jovens.

2 A ORIENTAÇÃO VOCACIONAL NO ENSINO MÉDIO: Fundamentos teóricos e contextuais

O ensino médio é a etapa ideal para se trabalhar a orientação vocacional com os estudantes, uma vez que é nesse período que eles começam a entrar em contato com o mundo do trabalho e são confrontados com a necessidade de decidir qual caminho seguir (Cazatti, 2022). Segundo a autora, “muitas vezes, ao concluir o ensino médio, ainda não houve decisão de escolhas profissionais”, portanto, a escola e os professores devem ser agentes ativos nesse processo, oferecendo atividades que ampliem a compreensão dos jovens sobre suas possibilidades e incentivem a construção de escolhas mais conscientes.

Em grande parte das escolas públicas, a orientação vocacional permanece associada a momentos pontuais, geralmente restritos ao final do ano letivo do terceiro ano do ensino médio, como se fosse possível trabalhar com os alunos em poucos meses as complexidades que envolvem o processo de escolha profissional dos jovens, essa concepção limitada desconsidera que a construção de um projeto de vida é algo que ocorre de maneira gradual e complexa, marcado por descobertas, dúvidas e amadurecimento, e que precisa ser acompanhado desde o início da trajetória escolar, embora existam documentos oficiais que reconhecem a importância do tema, na prática, muitos estudantes concluem o ensino médio sem terem tido qualquer espaço formal para refletir sobre suas aspirações, competências e possibilidades. Diante disso, é necessário repensar o lugar da orientação vocacional no planejamento pedagógico das escolas, considerando-a não como atividade complementar, mas como parte integrante da formação dos estudantes.

Além de ações pontuais voltadas à orientação vocacional, é essencial que a escola e os profissionais da educação reflitam criticamente sobre suas práticas, incorporando ao planejamento pedagógico atividades que permitam ao estudante pensar sobre seu papel social e sobre os condicionantes sociais do mundo do trabalho.

A escassez de uma abordagem contextualizada e permanente sobre o projeto de vida reflete, em parte, a forma como a escola percebe a juventude e as necessidades que ela tem em seu processo de desenvolvimento. À medida que prioriza ou se sente obrigada a priorizar conteúdos formais e avaliações externas,

muitas vezes as instituições deixam em segundo plano temas que fazem parte concreta da vida dos alunos, como suas inquietações sobre o futuro, a insegurança diante do vestibular ou a necessidade de conciliar estudo com trabalho. Isso reforça a ideia de que o papel da escola se resume à transmissão de conteúdos e compromete a sua função formadora mais ampla, ao integrar práticas de orientação vocacional ao cotidiano escolar, mesmo que de forma transversal, cria-se um ambiente mais favorável para o desenvolvimento pessoal dos estudantes, que passam a perceber sentido no que estão aprendendo e a enxergar conexões entre a escola e suas escolhas futuras.

Esse suporte, relacionado à continuidade da formação educacional e ao processo de escolha profissional, configura-se como um direito dos estudantes, conforme estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996). No que se refere ao ensino médio, a legislação determina que a escola, por meio de práticas pedagógicas contextualizadas, deve possibilitar ao aluno construir sua identidade e desenvolver seu projeto de vida, articulando formação integral, cidadania e preparação para o mundo do trabalho (BRASIL, 1996).

Complementando as diretrizes legais da LDB, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada em 2017, estabelece as aprendizagens essenciais que todos os estudantes da educação básica devem desenvolver. No ensino médio, a BNCC orienta uma formação que integre aspectos pessoais, acadêmicos e profissionais, destacando a importância do protagonismo juvenil na construção de seu percurso formativo. Nesse contexto, a orientação vocacional ganha destaque ao estar diretamente relacionada à proposta de desenvolvimento do projeto de vida dos estudantes, um dos eixos estruturantes dessa etapa.

De acordo com o documento, cabe à escola promover práticas pedagógicas que favoreçam a reflexão dos jovens sobre suas escolhas pessoais, acadêmicas e profissionais, possibilitando que construam, de forma crítica e consciente, seus projetos de vida. Assim, a orientação vocacional não deve ser compreendida como uma ação isolada, mas como parte de um processo contínuo, articulado à formação integral do estudante e ao desenvolvimento de competências como autoconhecimento, responsabilidade, tomada de decisões e planejamento do futuro.

Ainda de acordo com os fundamentos da LDB (Lei nº 9.394/1996), que estabelecem a orientação educacional como direito do aluno no ensino médio, e as competências gerais previstas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que ressaltam a preparação para o mundo do trabalho e a cidadania, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM) reforçam o papel da escola na promoção da orientação vocacional como instrumento essencial para a formação integral dos estudantes, segundo o documento oficial, “o Ensino Médio deve garantir a articulação entre a formação geral e a preparação para o trabalho, promovendo a autonomia e o protagonismo dos jovens na construção de seus projetos de vida” (BRASIL, 2012, p. 14).

Dessa forma, a orientação vocacional ganha destaque como prática que apoia os estudantes na tomada de decisões conscientes e fundamentadas, contribuindo para o desenvolvimento de competências que transcendem o ambiente escolar e se projetam no contexto social e profissional.

Entretanto, para garantir o pleno exercício dos estudantes acerca de seus direitos é necessário estabelecer as diferenças entre orientação vocacional e práticas similares como a orientação profissional, de acordo com Araújo (2003), a orientação vocacional é um processo que privilegia o autoconhecimento do estudante, permitindo-lhe refletir sobre seus interesses, valores e potencialidades para a construção de um projeto de vida que ultrapassa a mera escolha profissional. Já a orientação profissional é entendida como uma prática mais direcionada, voltada para a informação e preparação do jovem em relação às profissões, ao mercado de trabalho e às exigências concretas para sua inserção.

Na verdadeira prática, a orientação vocacional só se concretiza quando há uma intencionalidade pedagógica clara por parte da escola em realizar ações que promovam este eixo. Isso requer planejamento, envolvimento da equipe docente, disponibilidade de tempo e espaço e, acima de tudo, reconhecimento de que o estudante é um sujeito em desenvolvimento, com necessidades que vão além do conteúdo acadêmico. Quando a escola se omite nesse campo, transfere essa responsabilidade para outros espaços, que geralmente são os familiares ou externos, que podem nem estar preparados ou disponíveis para oferecer o suporte necessário. Em contrapartida, quando assume esse papel de forma ativa, a escola contribui para a construção de um ambiente mais acolhedor, que respeita o tempo

de cada jovem e reconhece o valor do processo de escolha, mesmo que esse processo seja cheio de incertezas e recomeços.

A orientação vocacional é um componente fundamental no processo educacional, pois oferece ao estudante um espaço contínuo para a reflexão sobre suas escolhas e possibilidades, integrando o desenvolvimento pessoal e social. Esse processo formativo contribui para a construção de uma identidade mais sólida e para a capacidade de adaptação diante das mudanças e desafios do mundo contemporâneo. Segundo Araújo (2003), a orientação vocacional deve ser compreendida como uma prática que acompanha o jovem ao longo de sua trajetória escolar, promovendo o amadurecimento das decisões e fortalecendo a autonomia necessária para o planejamento de sua vida acadêmica e profissional.

2.1 Compreendendo a orientação vocacional e sua aplicação no espaço educacional

De acordo com Cazatti (2022), a indecisão em relação a futura carreira profissional advém de múltiplos fatores, sendo os fatores econômicos e sociais os de maior relevância, atingindo especialmente adolescentes que ainda frequentam o ensino médio. Dessa maneira a escola e seus instrumentos têm uma ampla abertura para agir em relação a essa necessidade, que por sua vez, pode ser trabalhada de diversas formas variando sua abordagem e efetividade de acordo com o indivíduo.

Apesar de toda a relevância apontada anteriormente e reinteirada por documentos oficiais que norteiam os processos educativos em território nacional, existem dificuldades relevantes na aplicação de projetos referentes à orientação vocacional, segundo Araújo (2003) muitas escolas carecem de profissionais qualificados e de tempo adequado na carga horária para desenvolver atividades sistemáticas de orientação, outro entrave importante diz respeito à falta de articulação entre os projetos de orientação vocacional e o projeto político-pedagógico da escola, o que contribui para ações fragmentadas e pouco eficazes. Soma-se a isso a influência de um modelo educacional focado no desempenho acadêmico e na preparação para exames seletivos, que acaba relegando a orientação vocacional a um plano secundário, tais dificuldades revelam a

necessidade urgente de maior investimento institucional, formação docente e integração entre gestão, currículo e comunidade escolar para que a orientação vocacional cumpra, de fato, seu papel formativo.

Uma das principais estratégias de orientação vocacional aplicadas no ambiente escolar inclui o desenvolvimento de atividades voltadas ao autoconhecimento, ajudando os estudantes a identificarem seus interesses, valores e expectativas em relação ao próprio futuro. Oficinas reflexivas, questionários de interesses, mapas de projetos de vida e rodas de conversa são exemplos eficazes para promover essa exploração pessoal e levantar possibilidades em grupo, essas atividades favorecem a construção de um projeto de vida mais consciente, ampliando a percepção de escolhas possíveis e realistas.

Além das atividades de autoconhecimento, a escola pode desenvolver ações informativas que aproximem os estudantes da realidade das profissões e do mercado de trabalho, a realização de feiras de profissões, visitas técnicas a instituições e empresas, palestras com profissionais de diferentes áreas e a construção de painéis temáticos são iniciativas que despertam o interesse dos jovens e ampliam seu repertório de escolhas. Tais estratégias, quando articuladas ao currículo e ao projeto pedagógico da escola, fortalecem o protagonismo do indivíduo sob suas próprias decisões e contribuem para uma escolha mais bem fundamentada.

Muitos jovens ingressam no ensino médio carregando incertezas, dúvidas e, em muitos casos, inseguranças sobre o futuro, a escola sendo um dos espaços mais constantes em suas rotinas, deveria se tornar uma aliada essencial na construção dessas trajetórias pelos alunos. Ao acolher os estudantes em suas especificidades e oferecer espaço reais de troca e diálogo sobre a vida e o trabalho, a instituição educativa amplia horizontes e fortalece o senso de pertencimento, o simples ato de escutar o que os alunos têm a dizer já se configura como um gesto potente de transformação.

Ao considerar o contexto sociocultural dos estudantes da rede pública, percebe-se que a orientação vocacional é ainda mais urgente, pois muitas vezes os alunos possuem acesso limitado à informação, passam pela pressão familiar para começarem a trabalhar cedo e até mesmo dificuldade em reconhecer suas próprias potencialidades, nesse contexto, a escola pode atuar como um espaço de

compensação dessas lacunas apresentadas, oferecendo não apenas informações sobre cursos e carreiras, mas também apoio emocional e ferramentas de autoconhecimento, a intervenção escolar nesse campo de formação pode diminuir desigualdades e ampliar horizontes, desde que seja conduzida com sensibilidade e com atenção às individualidades de cada turma, isso exige um esforço institucional coletivo, que ultrapassa a boa vontade de um ou outro professor e se traduz em ações planejadas, articuladas e sustentáveis.

Em um ambiente escolar muitas vezes guiado por pressões de agentes externos em relação a metas e resultados, o tempo dedicado à escuta sensível tende a ser negligenciado, entretanto é justamente nesse espaço de atenção que muitas decisões ganham forma, quando o jovem percebe que suas angústias não irão são ignoradas e negligenciadas, ele se sente mais seguro para explorar possibilidades, questionar caminhos e confiar em suas próprias escolhas , as tomando de forma mais assertiva.

Essa integração permite que os estudantes compreendam os conteúdos escolares em relação às suas escolhas futuras, estabelecendo conexões entre o conhecimento formal e os desafios da vida adulta, especialmente no que se refere à escolha profissional.

A aplicação da orientação vocacional dentro do currículo escolar pode ser fortalecida principalmente por práticas interdisciplinares, que envolvam professores de diferentes áreas de conhecimento na formulação e desenvolvimento de projetos que articulem conteúdos escolares e temas relacionados à escolha profissional futura. Projetos integradores, oficinas de projeto de vida, análise de profissões nos componentes curriculares e o uso de metodologias ativas são alguns exemplos de práticas que podem fortalecer a orientação vocacional no cotidiano escolar desses jovens. Essas estratégias contribuem para tornar o currículo mais significativo, aproximando os saberes escolares das realidades e expectativas dos estudantes.

2.2 A adolescência como etapa decisiva: construção de identidade e projeto de vida

Escolher uma profissão ainda durante a adolescência é uma exigência que nem sempre acompanha o tempo pessoal de amadurecimento de cada um, na

medida em que ocorrem às transformações emocionais, sociais e cognitivas dessa fase, é natural que surjam incertezas e mudanças de rumo, o problema não está em mudar de ideia, mas em não ter espaço para refletir com calma, a escola pode cumprir um papel fundamental nesse processo, não impondo respostas prontas, mas oferecendo tempo, diálogo e experiências que ajudem o jovem a se conhecer melhor.

As questões conflituosas vivenciadas pelos adolescentes são expressões naturais do processo de amadurecimento mental e social, assim, compreender a adolescência como uma fase de formação e experimentação é essencial para que a escola desenvolva estratégias de apoio, como a orientação vocacional, que ofereçam escuta, acolhimento e mediação no processo de escolha e construção do seu caminho futuro.

A escolha de uma carreira no período da adolescência é constantemente atravessada por pressões externas que dificultam a tomada de decisão completamente genuína e autônoma. Famílias, escola, redes sociais e o próprio mercado de trabalho impõem expectativas sobre o futuro do jovem, muitas vezes desconsiderando sua imaturidade emocional e o tempo realmente necessário para refletir de forma completa e consciente sobre seus interesses e aptidões, a exigência social por uma definição rápida e mal pensada da carreira, especialmente no final do Ensino Médio, desconsidera a complexidade do processo de amadurecimento da identidade profissional e pode resultar em descontentamento ou abandono futuro da área escolhida.

No Brasil, essa situação se exhibe em dados preocupantes: segundo o Censo da Educação Superior (INEP, 2022), mais de 50% dos estudantes do ensino superior abandonam ou trocam de curso nos primeiros semestres, na maioria das vezes por não se identificarem com a área escolhida precocemente. Isso revela o impacto direto da escolha apressada, muitas vezes orientada por pressões sociais oriunda de diversos grupos, e não por um processo reflexivo e orientado.

A pressão social exercida sobre os adolescentes no momento da escolha profissional compromete gravemente sua autonomia e destrói processo de construção de um projeto de vida autêntico com as vontades daquele ser individual, nesse cenário, o adolescente pode se sentir coagido a escolher caminhos que atendam mais às expectativas de terceiros do que à sua própria vocação, gerando

sentimentos de frustração, o que conseqüentemente leva ao abandono do percurso “escolhido”.

Diante das inúmeras pressões que vem a recair sobre os adolescentes no momento da escolha profissional, torna-se latente a importância de um processo orientador que considere a singularidade de cada sujeito e o contexto de vida que ele traz consigo. Escolher um caminho profissional não deve ser um ato isolado nem imposto, mas sim um percurso construído ao longo da vida, mediado por experiências, escuta qualificada e apoio educacional. A escola, enquanto espaço formativo, pode e deve contribuir para que essa decisão seja mais consciente, crítica e alinhada aos interesses, valores e possibilidades do estudante. Ao oferecer momentos de escuta e reflexão, a instituição ajuda o jovem a dar significado à sua escolha, reduzindo os impactos negativos da pressão social e promovendo sua autonomia.

Portanto, compreender as influências sociais, familiares e institucionais que cercam a escolha profissional na adolescência é essencial para o desenvolvimento de práticas pedagógicas mais sensíveis e efetivas. A orientação vocacional, nesse sentido, surge como um dispositivo importante para romper com visões deterministas e simplistas da escolha, promovendo um processo formativo mais amplo, que considera tanto o aspecto subjetivo quanto o social da trajetória juvenil.

3 O PAPEL DA GESTÃO ESCOLAR NO FORTALECIMENTO DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

A equipe gestora de uma instituição educacional, especialmente no ensino médio, deve compreender profundamente a realidade social dos estudantes que atende, bem como reconhecer a função social e política da escola diante desse público. Essa consciência é fundamental para que o planejamento e a organização das ações pedagógicas sejam adequados, pertinentes e eficazes, respondendo de maneira assertiva às necessidades e expectativas dos alunos.

Diante disso, torna-se essencial que, ao compreender o contexto dos estudantes, a gestão escolar direcione esforços, especialmente no campo da orientação vocacional, para alinhar estratégias, recursos e ferramentas que possibilitem a realização de ações concretas dentro da escola, promovendo espaços significativos de reflexão e construção de projetos de vida.

Nessa perspectiva, a gestão escolar deve alinhar sua função organizadora com práticas que priorizem a escuta ativa, a valorização da diversidade sociocultural e a construção coletiva do processo educativo. Isso implica reconhecer a importância da participação efetiva da comunidade escolar nas decisões institucionais, promovendo espaços de diálogo e troca de pontos de vista. De acordo com Vieira e Vidal (2019), a liderança na gestão democrática requer uma postura formativa e mediadora por parte do gestor, pautada pela ética, pela cooperação e pelo compromisso com a transformação da realidade educacional, especialmente no contexto das escolas públicas.

Nesta seção, será abordada a perspectiva democrática da gestão escolar, destacando seu papel fundamental na compreensão e gestão da complexidade que caracteriza o ambiente educacional. A gestão escolar democrática não se limita apenas à administração burocrática, mas envolve a construção coletiva, a participação ativa dos diferentes segmentos da comunidade escolar e o estabelecimento de um ambiente inclusivo e colaborativo. Nesse sentido, será enfatizada a importância da articulação integrada entre a gestão e os diversos atores escolares, especialmente no que tange ao processo de orientação vocacional dos estudantes. Essa articulação demanda diferentes formas de atuação por parte da gestão, que deve ser sensível às demandas individuais e

sociais dos alunos, promovendo ações que favoreçam a reflexão, o ,autoconhecimento e a tomada de decisões conscientes quanto às trajetórias acadêmicas e profissionais. Assim, a gestão democrática se configura como um instrumento estratégico para fortalecer a orientação vocacional, ao garantir espaços de diálogo, participação e construção coletiva, essenciais para o desenvolvimento integral dos estudantes e para a efetivação de uma educação de qualidade.

3.1 A gestão democrática como promotora de ações integradas de orientação vocacional

O fortalecimento da gestão democrática está respaldado em diversas normas educacionais, como a Constituição Federal de 1988 e a LDB (Lei nº 9.394/96), que garantem o exercício da gestão escolar com base na participação da comunidade que constitui a escola, esse respaldo legal não somente legitima, mas exige que as escolas promovam uma escuta efetiva dos estudantes e incentivem sua total inclusão nas decisões institucionais. Tais diretrizes permitem que as ações de orientação vocacional sejam planejadas de forma conjunta, considerando o contexto sociocultural dos alunos. Conforme destacam Félix e Schefer (2022), os marcos legais da educação no território brasileiro disponibilizam os fundamentos necessários para uma prática escolar democrática e participativa, que amplia o papel da escola na formação integral do sujeito.

A gestão escolar tem a missão especial de equilibrar as incontáveis demandas administrativas com as práticas pedagógicas e humanas da comunidade escolar, quando a liderança dessa equipe consegue se aproximar dos estudantes e reconhecer suas realidades, torna-se mais fácil implementar ações que façam sentido. É no cotidiano, na escuta ativa e nas decisões compartilhadas que a gestão pode realmente contribuir para a construção de um ambiente em que a orientação para o futuro não seja uma ação isolada, mas uma prática orgânica da escola.

A gestão democrática, à medida que promove espaços de escuta e interação, contribui de forma direta para que a autonomia dos estudantes se desenvolva, o que é essencial para que assim possam refletir e decidir sobre seus caminhos profissionais. Segundo Falcão et al. (2022), é na prática cotidiana da

liberdade e da participação de forma crítica que se consolidam os fundamentos da emancipação humana. Assim, a escola que valoriza essa construção plural e a decisão compartilhada irá preparar o estudante não apenas para o pleno exercício da cidadania, mas, também, para escolhas mais conscientes no campo vocacional, à medida que o engaja em um processo de autoconhecimento e responsabilização sobre suas decisões.

A gestão democrática escolar, ao estabelecer estes espaços de escuta, diálogo e construção coletiva, se torna um fator primordial para a consolidação de políticas educacionais que são voltadas à formação cidadã integral dos estudantes. Nesse contexto, a orientação vocacional se insere como uma prática que só é desenvolvida plenamente quando há participação ativa dos sujeitos envolvidos no processo educativo. No entanto, apesar de sua importância, a efetivação da gestão democrática ainda enfrenta certas resistências no campo das políticas públicas. Como destacam Vieira e Vidal:

Observando-se a presença e ausência dos temas aqui considerados na agenda das políticas educacionais, faz sentido compreender a gestão democrática como uma demanda recorrente, presença marcante nas propostas para a educação desde meados dos anos oitenta do século XX, ainda permanece como desafio para a construção de políticas e, por vezes, princípio ignorado por formuladores e implementadores de políticas (2019, p. 14).

Isso revela o quanto o reconhecimento e a valorização de práticas democráticas como essenciais dentro do ambiente escolar, como a própria orientação vocacional, ainda dependem de avanços legislativos e culturais, tanto no âmbito institucional quanto no político.

Segundo Vieira e Vidal (2019), a liderança escolar democrática ainda passa por algumas dificuldades para ser plenamente reconhecida como pauta estratégica e essencial nas políticas educacionais. As autoras consideram que, mesmo sendo continuamente associada à melhoria dos resultados educacionais, a liderança é tratada como uma “demanda reprimida”, que raramente ocupa um lugar de prioridade na agenda política. Esse cenário revela uma fragilidade no investimento em ações que favoreçam a construção de caminhos profissionais para os

estudantes, especialmente no que se refere à articulação entre gestão escolar, currículo e práticas de orientação vocacional.

As autoras também constatarem que persistem barreiras culturais e institucionais que impedem a efetiva implementação de uma gestão democrática nas escolas públicas brasileiras, essas barreiras dificultam a inclusão de assuntos relevantes, como a orientação vocacional, nas pautas educacionais. Vieira e Vidal (2019) observam que muitas vezes a liderança escolar é vista com desconfiança ou receio, sendo associada a práticas clientelistas ou à reprodução de estruturas de poder. Essa visão apenas limita a possibilidade de envolver os estudantes em processos decisórios que irão promover o autoconhecimento, a reflexão crítica e a autonomia.

A orientação vocacional se consolida em contextos onde os jovens são reconhecidos como sujeitos históricos e protagonistas de suas próprias trajetórias e escolhas. Essa postura necessita de uma gestão escolar que ofereça oportunidades concretas de participação, como conselhos escolares, assembleias estudantis e projetos de vida que estejam integrados ao currículo. Para Falcão et al. (2022), é a prática cotidiana da autonomia e da participação que torna a escola um espaço de formação ética e política, logo, a gestão democrática deve ir além da mera formalidade e assumir o compromisso de criar condições reais para que os estudantes exerçam sua autonomia em todos os aspectos da vida escolar.

A gestão em sua prática democrática deve também atuar como elo entre a escola e as políticas públicas voltadas ao adolescente, ao trabalho e à formação profissional. Quando a escola se articula com programas municipais, estaduais e federais, além de ONGs, universidades e centros de formação, consegue ampliar os recursos e atividades disponíveis para desenvolver práticas efetivas de orientação vocacional. Félix e Schefer (2022) apontam que a função social da escola está relacionada de forma direta à sua capacidade de mediar relações com outras instâncias e grupos da sociedade, ao adotar esse papel articulador, a gestão consolida a função orientadora da instituição e promove melhores condições para o desenvolvimento de trajetórias profissionais consistentes e acertadas.

Essa orientação vocacional não pode ser responsabilidade isolada de apenas um setor da escola, mas deve abranger todo o trabalho pedagógico de forma interdisciplinar. Quando a gestão cria espaços de diálogo entre as diferentes

áreas do conhecimento, é possível construir experiências formativas mais integradas e conectadas com a realidade dos estudantes. Falcão et al. (2022) reforçam que a gestão democrática deve romper com separações de tarefas rígidas e fomentar práticas pedagógicas que coloquem o estudante no centro do processo educativo, a abordagem interdisciplinar complementa a compreensão dos jovens sobre o mundo do trabalho e fortalece sua capacidade de tomar decisões informadas.

Uma gestão democrática atenta às necessidades dos estudantes é também um fator de prevenção do abandono e da evasão escolar. Quando a escola cria vínculos com os alunos, compreende suas trajetórias de vida e oferece apoio no processo de construção de sentido para o percurso escolar, reduz consideravelmente os riscos de exclusão. Félix e Schefer (2022) indicam que uma das funções centrais da gestão democrática é garantir permanência com qualidade, o que inclui oferecer subsídios para que os estudantes compreendam o valor da educação na construção de seus projetos de vida. A orientação vocacional, nesse contexto, torna-se um recurso essencial para fortalecer o pertencimento escolar e combater a evasão.

A orientação vocacional, quando pensada como parte de um projeto educativo mais amplo, torna-se um dos pilares na prevenção da evasão. Isso porque contribui para o fortalecimento da identidade do estudante, ajudando-o a construir uma visão de futuro e a encontrar significado na escolarização. Falcão et al. (2022) reforçam que a gestão democrática deve atuar como mediadora entre as necessidades concretas dos sujeitos e as possibilidades oferecidas pelo currículo, superando uma visão conteudista e apostando em práticas que promovam o desenvolvimento humano integral. Além disso, Vieira e Vidal (2019) alertam para o fato de que uma gestão comprometida com a transformação da realidade precisa romper com lógicas burocráticas e assumir o desafio de promover a educação como direito e como prática de liberdade.

3.2 Planejamento pedagógico e práticas integradas de apoio à escolha profissional

O planejamento pedagógico é um dos principais instrumentos no processo de construção de uma educação significativa e alinhada às necessidades dos estudantes, especialmente quando relacionada a escolha profissional. Pensar a escola como um ambiente formador que contribui de forma ativa para a construção de projetos de vida implica em organizar práticas pedagógicas que integrem conteúdos curriculares, vivências e orientações voltadas ao futuro educacional e laboral dos alunos. Nesse contexto, a função da escola vai além da mera transmissão de conhecimentos, passando agora a assumir um dever com o desenvolvimento integral dos estudantes, preparando-os para tomar decisões conscientes e fundamentadas sobre seu futuro profissional.

A consolidação de práticas voltadas à orientação vocacional depende, em primeiro lugar, de um esforço da instituição educacional em si que articule os diferentes setores da escola em torno de um objetivo comum, esse esforço precisa ser planejado, discutido e avaliado com regularidade, de modo que as ações desenvolvidas não se percam com uma eventual troca de gestão ou com mudanças na equipe docente. A construção de uma rotina mínima voltada à escuta, à reflexão e ao compartilhamento de informações sobre trajetórias profissionais é um caminho possível e necessário, com isso, a escola não apenas cumpre seu papel legal, mas contribui efetivamente para que os estudantes saiam do ensino médio com maior segurança, clareza e autonomia em relação às decisões que terão que tomar no futuro.

Cardoso et al. (2023) abordam essa questão ao analisar práticas pedagógicas integradoras no contexto do ensino médio técnico e integrado. Os autores vêm argumentar que é primordial oferecer aos jovens experiências formativas que conversem com o mundo do trabalho e que possam favorecer a compreensão das possibilidades profissionais existentes na contemporaneidade, essa integração entre formação geral e formação técnica permite que o estudante desenvolva competências não apenas acadêmicas, mas também práticas e sociais, ampliando sua capacidade de escolha e de inserção no mundo profissional. Assim,

a escola deve atuar de forma estratégica, articulando as áreas do conhecimento com propostas pedagógicas voltadas à construção de projetos de vida.

Nessa perspectiva, Barbosa e Lamas (2012) destacam o significado de compreender a orientação profissional como uma atividade transversal ao currículo escolar, ou seja, ela não deve se limitar somente a momentos isolados, como palestras ou feiras de profissões, mas estar presente nas diferentes disciplinas e atividades cotidianas da vida escolar. Ao tornar o tema da escolha profissional um elemento constante no processo educativo, os educadores contribuem para que os alunos desenvolvam uma visão mais ampla e crítica sobre o mundo do trabalho e sobre suas próprias potencialidades e preferências, essa abordagem favorece uma preparação mais humanizada, promovendo o protagonismo juvenil e também fortalecendo o vínculo entre o estudante e sua própria escolha.

Oferecer espaço para que os estudantes se posicionem sobre o próprio futuro é reconhecer sua capacidade de pensar, sentir e escolher, quando eles se sentem protagonistas de suas trajetórias, os jovens passam a se relacionar com a escola de maneira mais ativa, mais comprometida. Eles deixam de ser apenas meros receptores de conteúdos e passam a ocupar o lugar de sujeitos de decisão, esse protagonismo pode ser cultivado no ambiente escolar por meio de práticas que valorizem a autonomia e o diálogo.

A ausência de ações institucionalizadas e oficialmente implantadas no campo da orientação vocacional frequentemente está relacionada à sobrecarga da equipe de funcionários escolares com demandas administrativas, burocráticas e externas, tendo em vista essa realidade, é compreensível que iniciativas formativas de médio e longo prazo acabem sendo adiadas ou reduzidas a eventos esporádicos, porém é justamente diante desse contexto que se torna ainda mais necessário repensar as prioridades da escola, buscando alternativas que permitam integrar ações simples, mas constantes, ao cotidiano escolar. A gestão pode, por exemplo, incentivar os professores a aproveitarem os conteúdos das disciplinas como ponto de partida para reflexões sobre profissões, mercado de trabalho, habilidades e valores, contribuindo assim para formar estudantes mais conscientes de suas escolhas e capazes de planejar seus caminhos de forma mais realista.

Outro aspecto importante a ser considerado é o papel da gestão na valorização das práticas já existentes entre os professores. Em muitas escolas,

mesmo sem um plano estruturado, docentes desenvolvem atividades que abordam aspectos do projeto de vida dos alunos, seja por meio de debates em sala, produções textuais ou rodas de conversa. Essas iniciativas, quando reconhecidas e articuladas pela gestão, podem se transformar em experiências coletivas e mais eficazes. Além disso, a criação de momentos de troca entre os educadores, como reuniões pedagógicas temáticas, permite a construção de uma cultura institucional voltada para o acompanhamento das escolhas dos estudantes, o que favorece a consolidação de práticas mais permanentes no interior da escola.

Além disso, França e Constantino (2024) refletem sobre a implementação do Novo Ensino Médio, com enfoque para os itinerários formativos voltados à “Formação Técnica e Profissional”, os autores observam que essa reformulação curricular pode ser uma oportunidade para integrar o planejamento pedagógico às demandas contemporâneas da juventude. Porém, também reconhecem que essa alteração requer um forte investimento e maior atenção na formação dos professores, no desenvolvimento de materiais adequados para o trabalho e na construção de uma cultura escolar que valorize a orientação profissional como parte essencial do processo educativo, ainda são latentes os desafios para garantir equidade e qualidade nas oportunidades formativas oferecidas, principalmente em contextos de vulnerabilidade social.

Muitas das vezes, as ações mais significativas no ambiente escolar não necessariamente irão exigir grandes investimentos, mas sim intenção educativa bem definida, ações como uma conversa após a aula, uma atividade que estimule a autorreflexão ou até mesmo um incentivo sincero a uma ideia do aluno podem gerar efeitos profundos e significativos, quando o estudante sente que sua jornada é acompanhada com respeito e interesse, ele normalmente tende a se comprometer mais com sua formação e com o próprio futuro, essas pequenas práticas, somadas, constroem um ambiente escolar mais humano e formativo.

Outro ponto importante é o reconhecimento das especificidades do público atendido pela escola pública. Paulino-Pereira e Silva (2011) apontam que muitos adolescentes passam por dificuldades socioeconômicas que impactam de forma direta suas decisões profissionais, para esses estudantes, a escola pode ser o principal ou único guia de informação e orientação sobre o mundo do trabalho, por isso, é imprescindível que o planejamento pedagógico leve em consideração essas

realidades e promova práticas de apoio que sejam acessíveis, contextualizadas e capazes de despertar o interesse dos alunos. A orientação profissional deve ser pensada de forma sensível às diferentes realidades sociais, contribuindo para a construção de escolhas mais conscientes e menos determinadas pelas limitações já impostas pelo contexto de origem.

Nem todos os estudantes têm as mesmas condições de planejar o futuro, alguns enfrentam pressões familiares, limitações econômicas ou falta de informação que dificultam esse processo, por isso, é essencial que a escola reconheça essas desigualdades e atue de forma sensível e inclusiva, essa postura de apoio à escolha profissional deve considerar as possibilidades reais de cada aluno, sem impor modelos ou desvalorizar trajetórias que não seguem os caminhos esperados, nesse caso, a igualdade é o ponto de partida para que todos possam sonhar com um futuro possível.

O planejamento pedagógico, portanto, deve incorporar ações que estimulem o autoconhecimento, a exploração de diferentes áreas profissionais e o contato com experiências concretas do mundo do trabalho. Isso pode ocorrer por meio de projetos interdisciplinares, rodas de conversa, visitas técnicas, estágios supervisionados e parcerias com instituições externas.

Em síntese, o planejamento pedagógico voltado ao apoio da escolha profissional deve ser compreendido como uma estratégia educativa essencial para promover a formação integral dos estudantes, ele demanda o envolvimento de toda a comunidade escolar (professores, gestores, orientadores e famílias) em práticas integradas, coerentes e sensíveis às realidades dos jovens. As referências analisadas reforçam a importância de uma escola que prepare para a vida, para o trabalho e para o exercício da cidadania, contribuindo para que os estudantes não apenas escolham uma profissão, mas construam um futuro com mais sentido e possibilidades.

4 A GESTÃO ESCOLAR COMO INSTRUMENTO DE FORTALECIMENTO DA ORIENTAÇÃO VOCACIONAL EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE ENSINO MÉDIO EM SÃO LUÍS (MA)

Este capítulo tem como finalidade apresentar a investigação empírica realizada em uma escola pública da rede estadual de ensino médio, localizada na cidade de São Luís, Maranhão. A pesquisa buscou compreender como a gestão escolar, em articulação com os demais agentes da comunidade educativa, atua no fortalecimento da orientação vocacional dos estudantes, reconhecendo a importância desse processo na formação integral da juventude. Para isso, foram ouvidos representantes da equipe gestora, do corpo docente e do alunado, com o objetivo de reunir diferentes perspectivas sobre as ações desenvolvidas, os desafios enfrentados e as possibilidades de aprimoramento nesse campo.

A análise dos dados obtidos busca evidenciar como a escola vem se adaptando às diretrizes do Novo Ensino Médio e quais estratégias vêm sendo mobilizadas para apoiar os estudantes na construção de seus projetos de vida. Os resultados são apresentados em três eixos principais: a visão da gestão escolar, a percepção dos professores e as vozes dos estudantes, permitindo uma leitura crítica sobre as práticas institucionais e pedagógicas relacionadas à orientação profissional. Ao longo do capítulo, as falas dos participantes são discutidas à luz do referencial teórico que fundamenta esta pesquisa.

4.1 Metodologia da Pesquisa

Para a produção deste trabalho, foi utilizada como base a pesquisa qualitativa para a obtenção de resultados mais contextualizados e que abordem a singularidade da pesquisa, já que, de acordo com Pesce e Abreu (2013), esse tipo de pesquisa permite ao investigador uma maior interação e compreensão das dimensões e dinâmicas que compõem o objeto de pesquisa.

A escolha por uma abordagem qualitativa se deu pela natureza do tema que foi aqui investigado, o qual exigiu a compreensão das percepções, metodologias, experiências e práticas dos sujeitos envolvidos com o cotidiano escolar.

Como o objetivo da pesquisa foi analisar as formas como a gestão escolar pode atuar no fortalecimento da orientação vocacional no ensino médio, optou-se por um caminho metodológico que permitisse captar os significados atribuídos por gestores, professores e estudantes às práticas existentes. A metodologia qualitativa possibilitou que houvesse um olhar mais atento aos contextos, ao local físico e histórico em que se deu a pesquisa e às relações interpessoais que atravessam a construção do projeto de vida dos alunos, permitindo que os dados não sejam reduzidos a números, mas compreendidos em sua complexidade, a investigação não buscou estabelecer generalizações, mas, sim, descrever e interpretar uma realidade específica, de forma aprofundada, a partir das falas e vivências daqueles que participam do ambiente escolar aqui destrinchado.

A pesquisa de campo que também será aplicada é uma técnica bastante utilizada em trabalhos científicos, pois ela aproxima fisicamente o/a pesquisador/a ao tema estudado. De acordo com Tozoni-Reis (2009, p. 39), “a pesquisa de campo em educação, portanto, caracteriza-se pela ida do pesquisador ao campo, aos espaços educativos para coleta de dados, com o objetivo de compreender os fenômenos que nele ocorrem”. Assim, o/a pesquisador/a consegue obter dados mais precisos e identificar possíveis singularidades relacionadas ao objeto de estudo naquele espaço.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública de ensino médio situada em São Luís (MA), escolhida por já apresentar, mesmo que de forma não sistematizada, algumas iniciativas voltadas ao apoio dos estudantes em suas decisões futuras. A escolha da instituição se deu por conveniência, considerando a acessibilidade ao local, mas também por perceber que se tratava de um espaço fértil para observar práticas, desafios e possibilidades relacionados à temática da orientação vocacional, o ambiente visitado e investigado atende um público diversificado, composto majoritariamente por jovens oriundos de bairros periféricos, o que torna ainda mais relevante o debate sobre escolhas profissionais e trajetórias possíveis. Ao se aproximar dessa realidade concreta, a pesquisa buscou compreender como a gestão escolar lida com as demandas que surgem nesse processo e de que forma as ações podem ser fortalecidas para atender melhor aos estudantes.

Durante a pesquisa de campo, foi realizada a aplicação de um questionário com perguntas semiabertas, que foram desenvolvidas pela pesquisadora durante o processo de pesquisa. Com a gestão, corpo docente e estudantes foram realizadas entrevistas semiestruturadas com o objetivo de compreender a abordagem utilizada no desenvolvimento de ações pedagógicas voltadas para orientação vocacional na etapa de ensino médio.

Entretanto, para que a pesquisa de campo alcance resultados mais consistentes, é indispensável que o sujeito investigador esteja respaldado por uma base teórica sólida. Nesse sentido, o levantamento bibliográfico torna-se uma etapa fundamental do processo investigativo, pois oferece os subsídios necessários para compreender o objeto de estudo com profundidade. Como destaca Severino (2007), a pesquisa bibliográfica é uma etapa preliminar essencial para qualquer investigação científica, já que permite estruturar com clareza os problemas, hipóteses e procedimentos metodológicos que orientarão o percurso do pesquisador.

Após a pesquisa de campo e levantamento bibliográfico serem realizados, os materiais provenientes das investigações passaram pela etapa de análise de dados, que buscou identificar padrões inseridos nas pesquisas levando em consideração o contexto em que ela ocorre, dessa forma, foi possível organizar e aprofundar a pesquisa por eixos temáticos que se destacaram durante o percurso de investigação.

4.2 Análises e Discussão dos Dados

Esta seção tem como objetivo apresentar e discutir os dados obtidos por meio da pesquisa de campo realizada em uma escola pública estadual de ensino médio, situada na cidade de São Luís, Maranhão. Por motivos éticos e metodológicos, a instituição não será identificada neste trabalho, a fim de preservar a confidencialidade dos participantes e garantir o sigilo das informações coletadas.

A pesquisa foi desenvolvida ao longo de três dias distintos no mês de junho de 2025. Participaram da investigação três sujeitos com papéis distintos dentro do ambiente escolar: um gestor escolar, uma professora e um estudante do 1º ano do ensino médio. A escolha desses participantes teve como base o propósito de

compreender a orientação vocacional a partir de diferentes pontos de vista, abrangendo tanto a perspectiva da gestão e dos educadores quanto a experiência dos alunos diretamente impactados por esse processo.

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi a entrevista semiestruturada, composta por questões abertas que possibilitaram aos participantes expressarem suas percepções com liberdade, dentro dos eixos previamente definidos. Essa abordagem favoreceu a escuta qualificada, respeitando a individualidade de cada entrevistado e permitindo o aprofundamento dos temas centrais da pesquisa.

Após a transcrição integral das entrevistas, as falas foram organizadas por meio de análise temática. Três categorias principais emergiram das falas dos sujeitos: (1) a visão do diretor sobre ações de orientação vocacional; (2) a percepção da professora quanto ao apoio à escolha profissional dos estudantes; e (3) a voz do estudante, com foco em suas expectativas, dúvidas e influências nas escolhas. Essas categorias refletem diferentes dimensões do fenômeno investigado e possibilitam uma análise mais ampla e articulada sobre a realidade da escola estudada.

Durante o processo de pesquisa, foi possível observar que a escola tem se movimentado para se adaptar às mudanças resultantes da reforma do ensino médio, especialmente no que é referente aos itinerários formativos e às novas propostas curriculares. No entanto, os dados obtidos também revelam a ausência de um projeto próprio e individual voltado especificamente à orientação vocacional, o que se configura como um ponto de fragilidade no processo educativo. As ações existentes, mesmo que sejam muitíssimo importantes, são realizadas de maneira pontual, muitas vezes vinculadas a iniciativas externas ou ao esforço individual que parte de alguns professores.

Apesar disso, as falas compartilhadas no momento de pesquisa mostram que existe um reconhecimento da importância da orientação vocacional dentro da escola. A gestão demonstra preocupação com o apoio aos estudantes, os docentes relatam o contato com experiências que estimularam a reflexão dos jovens sobre o futuro profissional, e o aluno entrevistado destacou o papel da escola como espaço de acolhimento e ajuda nesse processo.

É importante destacar que, embora o número de participantes seja reduzido, a pesquisa teve como foco compreender de forma aprofundada como acontece o apoio à escolha profissional dentro da escola, sem a pretensão de generalizar os resultados. O contato e escuta com os indivíduos permitiu a identificação dos elementos que auxiliam na construção de práticas mais significativas e também descobrir e apontar caminhos para o fortalecimento de ações que favoreçam a autonomia dos estudantes e a construção de seus projetos de vida.

Mesmo com ações pontuais, a existência de relatos positivos por parte dos entrevistados indica que há um potencial formativo importante que pode ser melhor aproveitado, a ausência de sistematização das práticas, no entanto, gera descontinuidade e fragiliza a consolidação de um projeto de vida articulado ao percurso escolar.

Nas próximas seções, os dados serão analisados separadamente, levando em consideração cada grupo de entrevistados. Essa organização permite uma visualização mais clara dos discursos e das especificidades que cada papel desempenha no processo de orientação vocacional no ambiente escolar.

4.2.1 Visão do diretor sobre ações de orientação vocacional

A entrevista com o gestor escolar revelou um panorama real, crítico e reflexivo sobre o papel da escola no processo de orientação vocacional dos estudantes do ensino médio. Logo no início da conversa, o entrevistado reconheceu a ausência de um projeto pensado e estruturado pela própria escola, mas também destacou a existência de parcerias importantes com instituições externas que tentam suprir essa lacuna por meio de ações independentes:

Não temos um projeto específico da escola, temos colaboradores que são as universidades que vêm até a escola e fazem esse trabalho conosco todos os anos [...]. Algumas instituições fazem testes específicos para saber qual tendência cada aluno tem, então não é um projeto propriamente da escola, mas temos esses parceiros que estão conosco todos os anos. Os alunos também realizam passeios, conhecem o campus (Gestor Escolar).

A partir dessa fala, percebe-se que a escola tem buscado responder à demanda de orientação vocacional por meio de atividades externas, o que, por mais

que apresente um nível de intenção da equipe, também demonstra uma carência existente em termos de planejamento contextualizado, a escola, nesse sentido, se faz mediadora, mas ainda depende fortemente de agentes externos para cumprir uma função que poderia, e deveria, fazer parte do currículo e da rotina do ambiente escolar. Como apontam Cardoso *et al.* (2023), o fortalecimento de práticas integradas e constantes no campo da formação profissional dos estudantes exige que a escola pense e desenvolva estratégias próprias, alinhadas às suas especificidades socioculturais e à realidade dos jovens.

A presença de parcerias externas, como universidades e instituições de ensino superior, aparece como uma estratégia relevante, mas ainda insuficiente, para garantir um processo formativo contínuo, apesar de agregarem valor ao percurso dos estudantes, essas ações não substituem o papel da escola em propor atividades planejadas com base nas demandas internas da comunidade específica que integra aquela instituição educacional.

Na continuidade da entrevista, ao ser questionado sobre a percepção da gestão escolar a respeito do seu papel na orientação profissional dos jovens, o gestor demonstrou clareza em relação ao dever da escola nesse processo, principalmente diante das dificuldades enfrentadas pelos adolescentes para tomar decisões conscientes sobre o futuro:

Julgamos como um papel muito importante, os alunos estão numa fase muito indecisa e pouquíssimos chegam no ensino médio sabendo qual percurso irão trilhar futuramente, então a escola é muito importante nesse momento para prestar um suporte na escolha desse caminho (Gestor Escolar).

Essa fala mostra sensibilidade à situação e condições desta etapa da adolescência e à complexidade que envolve a construção do projeto de vida nesse momento. De fato, como coloca Aquino (2009), a adolescência é marcada por um intenso processo de descoberta pessoal, no qual o jovem precisa lidar ao mesmo tempo com exigências externas e suas próprias inquietações internas. Dessa forma, a escola precisa refletir e oferecer não apenas atividades informativas, mas sim desenvolver práticas educativas que incentivem o autoconhecimento, a reflexão e a escuta ativa. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) e as Diretrizes Curriculares Nacionais do Ensino Médio (BRASIL, 2012) reforçam a

importância da formação integral do cidadão, com foco no desenvolvimento de competências para a vida, entre elas a autonomia, a responsabilidade e a capacidade de tomar decisões.

Durante a conversa, o gestor enfatizou um desafio recorrente que afeta diretamente a escolha profissional dos estudantes: o preconceito que ainda existe entre a sociedade em relação a determinadas áreas de atuação. Muitos alunos, segundo ele, chegam com ideias formadas baseadas em estigmas de mercado ou no senso comum, deixando de considerar suas verdadeiras vocações:

Em algumas situações eles (estudantes) já têm em mente que alguns cursos são inferiores, têm menos reconhecimento no mercado, e nós tentamos apresentar todos os cursos porque não vale a pena escolher um curso porque você acha que vai ganhar mais se a sua tendência e vocação é para outra área e não aquela. Então é um desafio para nós fazer com que eles compreendam isso: que eles devem estar realizados profissionalmente e não só na questão financeira (Gestor Escolar).

Essa fala traz à tona um ponto central: o conflito entre realização pessoal e preferências subjetivas e expectativa e julgamento social. A escola, nesse contexto, precisa funcionar como espaço de abertura para diferentes possibilidades, onde os estudantes possam compreender que sucesso profissional não está unicamente vinculado ao status da carreira, mas sim à satisfação, à identificação e à contribuição social da função exercida.

A esse respeito, o gestor ainda pontuou que a equipe docente também faz parte das ações, colaborando com experiências pessoais e aproximando os estudantes de trajetórias reais:

Nós realizamos palestras no auditório da escola em que os professores relatam para os alunos suas próprias experiências como estudantes, como escolheram seus cursos. Então toda a equipe docente tem papel importante, tanto no cotidiano em sala de aula quanto nos momentos de palestras (Gestor Escolar).

Esse tipo de iniciativa tem grande potencial formativo, pois permite que os estudantes enxerguem que a escolha profissional não é um processo imediato, ela envolve dúvidas, redirecionamentos e aprendizados. Quando os professores da instituição compartilham suas próprias vivências, servem de exemplo, ampliam o

horizonte dos jovens e provam que há múltiplos caminhos possíveis. Como apontam Barbosa e Lamas (2012), é papel da escola, e em especial dos professores, articular os saberes formais com as vivências do cotidiano, mediando as angústias e incertezas dos jovens com escuta ativa e apoio.

Ao falar sobre a forma como os resultados das ações de orientação são avaliados, o gestor reforça a importância do retorno espontâneo dos estudantes como um dos principais indicadores de impacto positivo:

Avaliamos no final quando os alunos fazem suas escolhas, se eles realmente dão um retorno, se ele mesmo avalia que fez uma escolha boa, se está satisfeito com a universidade, com o curso escolhido. Se tivermos esse retorno do aluno, podemos avaliar nosso trabalho como satisfatório. ”

“A maioria dos alunos quando conclui o ensino médio acaba retornando à escola e dá esse relato de como está lidando com a escolha tomada. Às vezes encontramos os pais fora da escola e eles são muito gratos pelo trabalho que fizemos de conduzir os filhos para o ensino superior (Gestor Escolar).

Embora esse tipo de avaliação não seja “oficial” ou sistematizado de forma concreta, ele mostra a construção de vínculos afetivos e de confiança entre a escola e os estudantes, o que sinaliza que, mesmo que não haja um projeto estruturado, existem práticas escolares que geram impactos perceptíveis e duradouros. Paulino-Pereira e Silva (2011) destacam que a atuação da escola na vida dos jovens se faz presente também por meio das experiências subjetivas e afetivas, que muitas vezes ultrapassam os indicadores quantitativos e revelam o sentido formativo da educação.

Na parte final da entrevista, o gestor revelou uma crítica importante à ausência de um plano próprio da instituição e sugeriu uma possível solução que vem sendo adiada devido a fatores externos:

Falta termos um projeto próprio da escola, feito pela escola. Acabamos sendo engolidos por muitas demandas da secretaria e muitas vezes um trabalho que é básico deixamos de fazer. Seria um projeto de acordo com todo o contexto da escola, que acompanhe os estudantes desde o começo do ano, que não dependa de grupos externos. Nós sentimos a carência da escola preparar o material especificamente dela, contendo sua própria cultura (Gestor Escolar).

Essa fala é bastante significativa, pois evidencia que a gestão escolar reconhece a necessidade de protagonismo institucional na construção de práticas voltadas à orientação vocacional. Como defendem Félix e Schefer (2022) e Vieira e Vidal (2019), uma gestão democrática e participativa é fundamental para articular as ações da escola em torno das demandas concretas da comunidade escolar. Desenvolver um projeto próprio significa valorizar a identidade da escola, compreender as especificidades do seu território e garantir que todos os estudantes tenham acesso a oportunidades de reflexão e escolha consciente.

A fala do gestor reforça o ponto de que, mesmo com limitações de tempo e estrutura, ainda existe um esforço para suprir a carência de ações permanentes por meio de iniciativas pontuais, ainda assim, essas ações não se consolidam como parte integrante do currículo e carecem de acompanhamento mais contínuo, o que dificulta a mensuração dos resultados e a identificação das necessidades individuais dos estudantes.

Entre os pontos apontados como desafiadores nesse processo pela gestão, a sobrecarga de funções e a necessidade de atender a muitas demandas simultâneas surgem como obstáculos à elaboração de um projeto institucional específico sobre orientação vocacional, essa realidade enfrentada pela escola contribui para que o tema continue sendo tratado como complementar, e não como parte do eixo formativo da escola.

Portanto, a entrevista com o gestor revela tanto o esforço quanto às limitações enfrentadas pela escola em sua atuação no campo da orientação vocacional, existe sensibilidade e envolvimento da equipe e há uma busca por meios de atender aos estudantes, porém, a ausência de um projeto sistematizado enfraquece a continuidade e a efetividade das ações. A construção de um programa próprio, pensado coletivamente e alinhado ao Projeto Político-Pedagógico da escola, é fundamental para transformar práticas pontuais em processos estruturantes, que contribuam efetivamente para o desenvolvimento integral dos jovens.

4.2.2 Percepção da professora quanto ao apoio à escolha profissional dos estudantes

A partir das falas obtidas pela Professora da escola entrevistada, é possível perceber como a orientação vocacional pode estar presente no cotidiano escolar de forma transversal e significativa, mesmo quando não há um projeto formal ou disciplina exclusivamente voltada para esse fim. Ela conta experiências em que promoveu com os estudantes momentos de escuta, reflexão e produção a partir das próprias afinidades delimitadas por eles. Segundo ela:

É uma experiência bastante interessante porque conseguimos fazer com que eles reflitam sobre as escolhas que eles podem fazer dependendo das afinidades, e trabalhamos com seminários, questionários vocacionais exatamente para saber desses aspectos, inclusive os socioemocionais (Professora).

Essa prática demonstra que a orientação vocacional não se limita a indicar cursos ou profissões por aplicações de questionários simplistas, mas sim desenvolver o autoconhecimento, a escuta ativa e o respeito às subjetividades dos jovens. Através de ações como seminários e rodas de conversa, os estudantes conseguem identificar suas inclinações e preferências e se enxergar como sujeitos capazes de fazer escolhas importantes. Esse tipo de prática é valorizado por autores como Cazatti (2017), que apontam que a escola deve favorecer espaços de reflexão sobre o futuro e estimular a construção do projeto de vida como parte da formação integral.

A professora menciona também a realização de atividades externas, como visitas a universidades e participação em palestras, o que ajuda a ampliar o repertório dos estudantes sobre o mundo do trabalho e do ingresso ao ensino superior. Essas vivências complementam o trabalho feito em sala de aula e, segundo ela, são muito eficazes para despertar o interesse dos jovens por diferentes caminhos, pois [...] “todas as atividades que conseguimos promover como palestras, idas às instituições de ensino superior também ajudam muito nesse trabalho” (Professora).

Como professora na área de linguagens, ela consegue conectar sua área ao processo de escolha profissional dos alunos. A capacidade do docente de realizar conexões entre os diferentes tipos de conhecimento e a interdisciplinaridade é essencial neste momento. Esse tipo de abordagem mostra como a orientação vocacional pode estar presente em qualquer componente curricular, contanto que

o professor assuma o compromisso e uma postura de mediação e escuta. Ao evidenciar a importância prática de seu conteúdo para o futuro acadêmico e profissional dos alunos, a Professora entrevistada contribui para ampliar suas perspectivas, aproximando o ensino do cotidiano e a prática do ensino no campo das linguagens para sua finalidade no mundo do trabalho.

Outro aspecto importante é o planejamento coletivo que envolve professores e equipe gestora. Segundo a professora, as reuniões são mensais e focam tanto nas dificuldades dos alunos quanto nos caminhos possíveis para apoiar suas trajetórias futuras: “nos reunimos uma vez por mês [...] passamos toda a semana pedagógica planejando essas atividades [...] onde podemos melhor ajudar em relação aos conteúdos e à continuidade dos estudos” (Professora).

Esse relato reforça a importância de um trabalho participante e colaborativo, em que os profissionais da educação atuam de maneira integrada para criar condições reais de dar suporte ao desenvolvimento dos estudantes.

Ela também descreve o funcionamento da disciplina “Identidade e Protagonismo”, trabalhada de forma contínua nos três anos do ensino médio. No 1º ano, os alunos iniciam a reflexão sobre suas escolhas. No 2º ano, desenvolvem habilidades mais práticas e no 3º ano o foco se volta para a preparação para o Enem, construção de plano de estudos e identificação de áreas de interesse: “quando falamos em relação a entrar para a universidade, não é 100% dos alunos que tem esse pensamento [...] alguns já fizeram a prova do Enem no 2º ano e tiveram excelentes notas” (Professora).

Esse depoimento mostra que o trabalho é feito respeitando o tempo de maturação de cada estudante. A escola oferece recursos e espaços de escuta, mas sem impor um único caminho. Muitos alunos, segundo ela, já demonstram clareza sobre as áreas que desejam seguir, cursos de ensino superior como medicina, direito, engenharia, enquanto outros ainda estão descobrindo suas habilidades. O essencial, nesse trajeto, é que a escola proporcione meios para que todos reflitam sobre seus interesses e possibilidades, ainda que nem todos escolham a universidade como destino imediato.

Outro destaque é o estímulo ao protagonismo estudantil por meio de diferentes práticas. A eleição de líderes de turma, grêmios estudantis, participação em conselhos de classe e o envolvimento com o grupo de teatro são estratégias

que favorecem a expressão, protagonismo e a construção de identidade dos jovens. A professora comenta que “[...] mesmo que o aluno não siga na área artística, é impressionante o desenvolvimento que eles têm a partir destes trabalhos, especialmente o de teatro (Professora)”.

Essas ações mostram que a orientação vocacional vai além do conteúdo extremamente teórico e se firma também no fortalecimento de competências sociais, artísticas e pessoais, quando o estudante construir sua própria autonomia e se perceber como alguém capaz de decidir, ter sua própria voz e colaborar com os outros, ele estará mais preparado para pensar com clareza sobre suas escolhas futuras. Para Cazatti (2017), práticas que fortalecem o protagonismo e a autonomia dos jovens contribuem para que as decisões sobre o futuro profissional deixem de ser aleatórias ou baseadas apenas em pressões externas.

Além da atuação da professora em sala de aula e nas atividades do currículo diversificado, nota-se também uma sensibilidade em perceber os estudantes para além de suas funções escolares, ao relatar que muitos alunos não pensam diretamente em cursar uma universidade, ela reconhece a diversidade de trajetórias possíveis. Isso reforça a importância de a escola trabalhar com múltiplas perspectivas profissionais, respeitando os diferentes ritmos de amadurecimento e os variados contextos sociais que influenciam as escolhas.

A experiência da professora ressalta que as ações ligadas à escolha profissional podem ocorrer mesmo em disciplinas que não são diretamente associadas a esse tema, isso indica que, com planejamento coletivo e periódico, é possível integrar diferentes áreas do conhecimento ao debate sobre o futuro, explorando a relação entre os conteúdos escolares e os interesses dos estudantes.

Também é possível perceber o impacto da reforma do ensino médio na realidade retratada. A disciplina “Identidade e Protagonismo”, mencionada pela professora, surge como uma resposta institucional à exigência de trabalhar o projeto de vida dos estudantes, substituindo o antigo “Projeto de Vida” e assumindo um papel mais estruturado no 3º ano. Como analisado por Cazatti (2017), a implementação de novos componentes curriculares demanda das escolas reorganizações e adaptações que nem sempre são acompanhadas por formações adequadas ou por investimentos suficientes, o que reforça a importância da articulação entre os docentes para garantir a efetividade dessas ações.

Em vez de esperar que a orientação vocacional aconteça apenas em momentos isolados (como semanas de profissões ou palestras esporádicas) a professora descreve um trabalho constante, feito de maneira transversal, integrado ao cotidiano da escola. Ao final, ela revela uma percepção sensível e comprometida com a trajetória dos estudantes, a partir da seguinte afirmação: “[...] me lembro que na época em que eu estava no 3º ano não tive esse direcionamento e fiquei meio perdida” (Professora).

Essa fala carrega uma crítica sutil à ausência de políticas de orientação em sua própria trajetória de formação, ao mesmo tempo em que evidencia o quanto sua prática atual tenta preencher essa lacuna para as novas gerações. A experiência da professora mostra que é possível criar caminhos de escuta, acolhimento e construção coletiva, mesmo em meio aos limites e desafios do contexto escolar. A orientação vocacional, portanto, não precisa ser um campo à parte, mas sim parte viva do currículo, da gestão e do cotidiano de uma escola comprometida com a formação de sujeitos conscientes e protagonistas.

Não existe um único momento para definir um projeto de vida, essa construção é contínua, feita de descobertas e redirecionamentos, pensar o futuro é uma tarefa que se desenvolve ao longo do percurso da vida, especialmente durante a juventude, quando a escola reconhece esse processo como importante e valoriza cada etapa dele, contribui para a formação de sujeitos mais conscientes e preparados para lidar com os desafios que virão, mesmo que ainda não saibam exatamente qual caminho seguir.

Em muitos casos, o vínculo que se firma entre professores e alunos ultrapassa os limites do conteúdo disciplinar, uma palavra de incentivo, uma escuta atenta ou a partilha de uma experiência pessoal pode despertar no jovem o desejo de seguir por determinado caminho. O professor, sem necessariamente ocupar o papel de orientador formal, pode se tornar uma referência significativa, alguém que inspira, que acredita e que mostra, com o exemplo, que é possível construir um projeto de vida com base em escolhas possíveis e desejadas.

4.2.3 Voz do estudante: expectativas, dúvidas e influências nas escolhas vocacionais

As falas do estudante entrevistado são de suma importância e revelam elementos essenciais sobre o modo como os jovens vivenciam a etapa do ensino médio diante das incertezas que enfrentam em relação ao futuro profissional. Ao ser questionado sobre experiências escolares relacionadas à escolha de carreira, o Estudante entrevistado afirmou que ainda não participou diretamente de atividades com essa finalidade, mas que o tema começou a ser trabalhado por meio das aulas de Filosofia:

Ainda não, assunto relacionado à futura profissão só tive aula com o professor de filosofia. (...) No 1º ano só iremos começar a ver esse assunto no final do ano, mas o professor já explicou de forma geral como vai ser feito (Estudante).

Essa fala aponta para um dos principais desafios da orientação vocacional no contexto da escola pública: o início tardio das ações voltadas ao autoconhecimento e ao planejamento do futuro profissional. Tal realidade confirma o que afirma Araújo (2003), ao apontar que muitas escolas não possuem projetos sistematizados e contínuos de orientação vocacional, o que dificulta o acompanhamento adequado do estudante em seu processo formativo. A inserção tardia do tema na trajetória escolar pode comprometer a qualidade das escolhas e acentuar a sensação de desorientação vivenciada pelos adolescentes.

Contudo, mesmo que as atividades ainda estejam sendo introduzidas no currículo, o estudante demonstra que já iniciou um processo reflexivo sobre sua carreira, revelando dúvidas iniciais e múltiplas possibilidades: “No começo eu não sabia qual profissão eu ia escolher. Queria fazer a faculdade de engenharia, só que não sabia qual engenharia queria seguir, e também queria fazer o curso de Bombeiro militar” (Estudante).

É imprescindível que a escola não apenas ofereça informações sobre cursos ou profissões, mas crie experiências e espaços de diálogo e escuta ativa que permitam ao jovem explorar suas dúvidas sem medo de julgamento alheio.

Ainda que não tenha passado por ações formais de orientação até o momento da entrevista, o estudante relata que, com o apoio do professor, conseguiu realizar uma escolha mais definida: “Com a ajuda do professor já sei que vou fazer engenharia ambiental” (Estudante).

Esse trecho evidencia o impacto direto da atuação docente no processo de escolha, mesmo quando não há um programa institucionalizado de orientação vocacional. O professor, ao acolher as dúvidas do aluno e propor reflexões significativas, atua como mediador da construção do projeto de vida, o que é amplamente defendido por Cazatti (2022). Para estes, o professor precisa ser mais que um transmissor de conteúdos: deve ser um agente formador, que vai incentivar o autoconhecimento e a capacidade crítica do estudante frente aos seus próprios interesses e às condições do mundo do trabalho.

Outro aspecto que merece destaque na fala do aluno é a percepção de acolhimento por parte da escola, esse sentimento de acolhimento é central no processo educativo e revela que, mesmo em uma estrutura institucional limitada por desafios e demandas externas, a escola pode ser um espaço de referência afetiva e formativa, o acolhimento, nesse sentido, torna-se um componente formador e um fator de permanência escolar, especialmente em contextos de vulnerabilidade.

O estudante também comenta sobre a influência da família em sua escolha inicial, mostrando que a decisão profissional estava, a princípio, muito mais associada às expectativas externas do que ao reconhecimento de suas habilidades pessoais:

Eu iria escolher engenharia civil muito por conta da minha mãe que está terminando a faculdade e pelo meu pai que é muito bom em matemática. (...) Mas como eu percebi aqui na escola que era melhor em ciências da natureza, escolhi engenharia ambiental (Estudante).

Essa fala expressa com clareza o conflito vivenciado por muitos jovens entre os desejos próprios e os projetos idealizados pelas famílias, quando o estudante afirma que “percebeu na escola” que tinha maior afinidade com uma área distinta da esperada por seus pais, ele demonstra que a instituição escolar pode desempenhar um papel fundamental na reconstrução de escolhas verdadeiras e maturadas por um processo de reflexão, baseadas em dados concretos e vivências.

A fala do estudante ainda revela um fator importante: a ausência de discussões vocacionais no ensino fundamental. Ao comparar sua trajetória anterior com a atual, ele destaca que: “no ano passado (ensino fundamental) eu não tinha

essa parte de escolha, só sabia que queria fazer engenharia. Então ela [a escola] me ajudou muito a escolher qual área exatamente eu quero” (Estudante).

Esse reconhecimento evidencia que a escola atual ofereceu ao menos algum suporte que permitiu ao estudante pensar melhor sobre sua decisão. Entretanto, também expõe uma lacuna histórica no currículo da educação básica, onde a orientação vocacional muitas vezes é negligenciada ou reduzida a ações pontuais e sem continuidade. Conforme defendem Barbosa e Lamas (2012), a orientação vocacional precisa ser compreendida como uma atividade transversal, integrada ao cotidiano escolar desde as etapas iniciais da formação, e não como um momento isolado no final do ensino médio.

O estudante entrevistado apresentou dúvidas comuns entre adolescentes da sua faixa etária, oscilando entre diferentes áreas de interesse e demonstrando insegurança diante da necessidade de definição de um percurso, essa dúvida é esperada e reforça a importância de iniciar o processo de orientação ainda no primeiro ano do ensino médio, com estratégias que possam ser retomadas e aprofundadas ao longo dos anos restantes do ensino médio.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) também estabelece como eixo estruturante do ensino médio o desenvolvimento do projeto de vida dos estudantes, o que envolve práticas voltadas ao autoconhecimento, à responsabilidade e à tomada de decisão (BRASIL, 2018). A fala do estudante evidencia que esse objetivo ainda não é plenamente atingido, mas que a escola já realiza esforços nesse sentido, especialmente por meio do componente “Identidade e Protagonismo” e da atuação de professores comprometidos.

A trajetória descrita pelo aluno também evidencia a importância do protagonismo juvenil que é um princípio essencial tanto na BNCC quanto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (BRASIL, 2012). Ao tomar para si a responsabilidade da escolha e identificar uma área com a qual se sente mais conectado, o estudante demonstra uma autonomia em construção, que precisa ser fortalecida por práticas pedagógicas intencionais. Conforme reforçam Félix e Schefer (2022), é papel da escola garantir as condições para que o jovem exerça esse protagonismo, desenvolvendo uma formação que integre aspectos acadêmicos, sociais e profissionais.

Finalmente, o caso analisado permite constatar que, mesmo em contextos de ausência de projetos formalizados, a atuação comprometida da gestão e dos professores pode criar experiências significativas para os estudantes. A escola, ainda que sem muitos recursos, pode ser espaço de escuta, acolhimento e orientação, que são valores fundamentais para uma formação integral. Isso dialoga com o que afirmam Falcão et al. (2022): quando a gestão escolar e a prática pedagógica se pautam por uma visão democrática e emancipadora, os estudantes passam a compreender sua trajetória escolar como parte fundamental de seus projetos de vida.

Quando o estudante toma consciência que a escola contribui para sua construção de futuro, ele tende a valorizar mais a experiência escolar por conseguir criar conexões entre os conteúdos e finalidades futuras, a orientação vocacional, nesse sentido, atua também como estratégia de permanência: ao ajudar o jovem a enxergar sentido no que aprende, a escola vira um espaço de pertencimento e não apenas uma obrigação, isso ajuda a reduzir o risco de evasão e fortalece o compromisso do estudante com sua formação.

As falas do estudante indicam que, mesmo diante da ausência de um programa oficial da instituição de orientação vocacional, existe uma expectativa concreta de que a escola cumpra esse papel. A percepção de que o ambiente escolar pode e deve auxiliar nas escolhas profissionais aparece com naturalidade, demonstrando que os jovens não apenas valorizam esse apoio, como também sentem sua falta, essa expectativa não se traduz em cobrança formal, mas em uma confiança implícita de que o espaço educativo tem responsabilidade em oferecer referências, ampliar horizontes e ajudar na construção de um percurso possível. À medida que compreender essa demanda silenciosa, a escola poderá reavaliar suas prioridades e buscar estratégias que atendam essas necessidades sem depender de estruturas externas complexas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados permitiu perceber que a escola conta com profissionais comprometidos e dispostos a colaborar no processo de orientação vocacional, mas, ainda assim, carece de um projeto estruturado que integre essas ações ao planejamento pedagógico, as práticas da gestão ainda são limitadas por demandas externas que dificultam o foco em ações permanentes voltadas ao apoio profissional dos alunos.

Este trabalho teve como objetivo principal investigar e analisar de quais formas a gestão escolar pode se colocar como instrumento de fortalecimento da orientação vocacional no ensino médio, levando em consideração os desafios vivenciados pelos estudantes na construção de suas futuras trajetórias profissionais e a responsabilidade da escola pública na promoção de uma formação integral e cidadã. A escolha do tema partiu da percepção de que muitos jovens enfrentam esse momento de decisão profissional de maneira solitária, confusa e, por vezes, determinada por pressões externas, como a influência da família, do mercado de trabalho ou da idealização de profissões socialmente valorizadas.

A fundamentação teórica permitiu compreender que a orientação vocacional vai além da simples escolha de uma carreira ou de um curso superior, trata-se de um processo contínuo, reflexivo e pedagógico, que deve ser construído ao longo da trajetória escolar e integrado ao currículo de forma transversal. Araújo (2003) enfatiza que a escola desempenha um papel estratégico nesse processo, ao oferecer espaços de escuta, acolhimento, reflexão e elaboração do projeto de vida dos estudantes. A Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), por sua vez, estabelece a formação para o mundo do trabalho e o desenvolvimento da autonomia juvenil como eixos estruturantes do ensino médio, reforçando a necessidade de um trabalho articulado e intencional nesse campo.

A pesquisa de campo, realizada em uma escola pública estadual de ensino médio situada em São Luís (MA), teve como propósito compreender como essa proposta se materializa na prática, por meio das percepções e experiências de três distintos, mas, ainda assim, conectados sujeitos escolares: um Gestor, uma Professora e um Estudante do 1º ano. As entrevistas revelaram uma realidade marcada por contradições: ao mesmo tempo em que se reconhece a importância

da orientação vocacional e existem ações pontuais e bem-intencionadas, ainda falta uma proposta institucional clara, sistemática e contínua que atenda de forma efetiva às necessidades dos alunos.

A gestão escolar entrevistada demonstrou consciência do seu papel nesse processo e relatou parcerias com instituições de ensino superior que, anualmente, promovem ações como feiras de profissões e testes vocacionais. Embora essas iniciativas sejam valiosas, o próprio gestor reconheceu a ausência de um projeto próprio da escola, elaborado de forma coletiva e contextualizada com a realidade local. A fala da gestão evidencia que a sobrecarga de demandas da rede e a falta de estrutura interna comprometem a autonomia da escola na proposição de ações mais consistentes.

Do ponto de vista docente, a professora entrevistada destacou que, mesmo na ausência de um programa institucional consolidado, desenvolve práticas voltadas ao autoconhecimento e à reflexão profissional, por meio de atividades interdisciplinares, projetos temáticos e a integração com o currículo diversificado. O relato evidencia um esforço pedagógico importante e reforça a compreensão de que o professor tem um papel central no processo de construção da identidade profissional dos estudantes. Como destaca Cazatti (2022), o diálogo cotidiano com os alunos, as experiências compartilhadas e as propostas significativas em sala de aula são recursos potentes na formação vocacional, especialmente quando há abertura para escutar os interesses e inseguranças dos jovens.

A fala da professora também apontou para a importância das reuniões pedagógicas, que integram professores, coordenação e gestão em um processo de planejamento contínuo e colaborativo. Essa articulação favorece a construção de ações mais coerentes com as demandas dos estudantes e demonstra que a gestão democrática que é entendida como a capacidade de ouvir, integrar e valorizar os diferentes atores escolares, é um dos caminhos possíveis para fortalecer a orientação vocacional no cotidiano escolar.

A escuta do estudante do 1º ano do ensino médio, por sua vez, trouxe elementos valiosos sobre como os jovens vivenciam o processo de escolha profissional. Sua fala revelou insegurança inicial, múltiplas possibilidades de interesse e a influência direta da família em suas primeiras escolhas. No entanto, também foi possível perceber que, por meio do apoio do professor e do contato

com novos conteúdos, o estudante passou a reconhecer suas próprias afinidades e fez uma escolha mais alinhada aos seus interesses.

Outro ponto importante levantado pelo aluno foi a ausência de qualquer discussão sobre orientação profissional no ensino fundamental, demonstrando a urgência de se pensar a continuidade entre as etapas da educação básica. Quando a escola só aborda a escolha de carreira nos últimos anos do ensino médio, ela restringe o tempo de amadurecimento e reflexão dos estudantes. Por isso, torna-se essencial que essa temática seja introduzida gradualmente, desde as primeiras etapas da formação escolar, respeitando o tempo de desenvolvimento dos alunos e permitindo que esse processo ocorra de forma integrada e significativa.

A escuta dos sujeitos envolvidos revelou que há reconhecimento da importância do tema, mas também uma sensação de improviso e ausência de diretrizes claras, a construção de um plano de ação interno, ainda que simples, pode ser um primeiro passo para dar mais consistência às práticas já existentes.

Ao final da análise dos dados, observa-se que, apesar das limitações estruturais e da ausência de um projeto formalizado de orientação vocacional, a escola pesquisada possui experiências relevantes e comprometimento por parte dos profissionais envolvidos. Os resultados indicam que há um campo fértil para o desenvolvimento de ações mais consistentes, desde que haja planejamento, formação continuada dos educadores e reconhecimento, por parte dos sistemas de ensino, da importância estratégica dessa dimensão formativa.

Dessa forma, a gestão escolar se apresenta como um agente fundamental nesse processo, pois é ela quem tem a responsabilidade de articular as ações pedagógicas, mobilizar a equipe, estabelecer parcerias e garantir que os projetos desenvolvidos estejam alinhados ao contexto da comunidade escolar. É a partir dessa liderança consciente e participativa que a orientação vocacional poderá deixar de ser um conjunto de iniciativas esporádicas para se tornar uma política pedagógica sólida e contínua dentro do projeto político-pedagógico da escola.

O trabalho desenvolvido mostrou que, ainda que com certas limitações, existem iniciativas relevantes que podem ser fortalecidas e transformadas em referências para outras escolas, a valorização dessas experiências, aliada a um esforço de organização coletiva, pode resultar em melhorias palpáveis no apoio à escolha profissional dos estudantes.

Por fim, esta pesquisa buscou contribuir para o debate sobre a importância da orientação vocacional como parte da formação integral do estudante do ensino médio, especialmente no contexto da escola pública. O fortalecimento dessas ações depende não apenas da atuação da gestão, mas da criação de políticas públicas comprometidas com a valorização do projeto de vida da juventude, da formação adequada dos profissionais da educação e do reconhecimento de que escolher uma profissão é, antes de tudo, um ato de construção de identidade, de pertencimento e de projeto social.

Diante dos achados da pesquisa, reforça-se a necessidade de que a orientação vocacional seja tratada como uma dimensão pedagógica contínua e imprescindível, e não apenas como uma etapa do ano final da formação, a escola pode assumir um papel mais ativo nesse processo ao articular práticas que dialoguem com o cotidiano dos alunos e estimulem a construção de trajetórias que façam sentido para estes jovens.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.

ARAÚJO, Luíza Cristina Pereira de. **Orientação profissional no Ensino Médio: da concepção à prática.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.

BARBOSA, Altemir José Gonçalves; LAMAS, Karen Cristina Alves. **A orientação profissional como atividade transversal ao currículo escolar.** Estud. psicol. (Natal), Natal, v. 17, n. 3, p. 461–468, set./dez. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 13 jun. 2025.

CARDOSO, Luiz Mário Lopes; NOLL, Matias; SOUZA, Heloisa Carneiro de; ROSA, Luciana Santos da; LIMA, Emmanuela Ferreira de. **Educação profissional tecnológica e ensino médio integrado: considerações a partir das práticas pedagógicas integradoras.** Revista Educação em Contexto, v. 2, n. 2, p. 25–39, nov. 2023.

CAZATTI, Vera Lucia. **A importância da orientação vocacional no ensino médio: o papel da escola e da família na escolha dos alunos.** Revista Binacional Brasil Argentina: diálogo entre as ciências, Vitória da Conquista (BA), v. 11, n. 2, p. 136-148, dez. 2022.

FALCÃO, Mary Sylvia Miguel; QUEIROZ, Caroline Lobo Santos de; DOMINGOS, Gilson Armindo; BENATO, Veridiane Cristina. **A gestão democrática como um elemento constitutivo no processo de emancipação humana: a importância da participação e autonomia na escola.** Divers@! Revista Eletrônica Interdisciplinar, Matinhos, v. 15, n. 1, p. 197–214, jul./dez. 2022.

FÉLIX, Carlos Marcelo Cavaleiro; SCHEFER, Maria Cristina. **A gestão democrática na escola pública: sob as lentes das leis nacionais.** Revista Práxis, v. 19, n. 2, p. 4–17, jul./dez. 2022.

FRANÇA, Cristiano de; CONSTANTINO, Paulo Roberto Prado. **Itinerário formativo “Formação Técnica e Profissional” na implementação do Novo Ensino Médio no Brasil: uma aproximação inicial à literatura.** Cadernos da FUCAMP, v. 27, n. 23, 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Censo da Educação Superior 2022: notas estatísticas.** Brasília: INEP, 2023.

PAULINO-PEREIRA, Fernando César; SILVA, Ramon Arthur Jacinto da. **Educação e trabalho: a orientação vocacional/profissional com jovens de escola pública**. Revista Pedagógica, Chapecó: UNOCHAPECÓ, v. 2, n. 27, p. 417–444, jul./dez. 2011.

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. **Pesquisa qualitativa: considerações sobre as bases filosóficas e os princípios norteadores**. Revista FAEEBA – Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 22, n. 40, p. 19-29, jul./dez. 2013.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. Ver. E ampl. São Paulo: Cortez, 2007.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos. **Metodologia da Pesquisa**. Curitiba: IESDE, 2009

VIEIRA, Sofia Lerche; VIDAL, Eloisa Maia. **Liderança e gestão democrática na educação pública brasileira**. Revista Eletrônica de Educação, São Carlos, v. 13, n. 1, p. 11–25, jan./abr. 2019.

APÊNDICES

APÊNDICE A: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GESTÃO

1. A escola possui projetos ou ações específicas voltadas para a orientação vocacional dos estudantes? Quais?
2. Como a gestão escolar enxerga o seu papel nesse processo de apoio à escolha profissional dos estudantes?
3. Há parcerias com instituições externas (universidades, empresas, ONGs) para ações de orientação vocacional?
4. Quais os principais desafios enfrentados pela gestão ao implementar práticas de orientação vocacional na escola?
5. Como a equipe docente é envolvida ou orientada para contribuir com esse processo?
6. Como são avaliados os resultados das ações de orientação vocacional realizadas?
7. A gestão identifica impacto positivo dessas ações nos estudantes? Pode citar algum exemplo?
8. Que melhorias poderiam ser feitas para fortalecer a orientação vocacional no ambiente escolar?

APÊNDICE B: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PROFESSORA

1. Você já participou de alguma ação voltada à orientação vocacional dos estudantes? Como foi essa experiência?
2. Em sua opinião, qual deve ser o papel do professor no processo de escolha profissional dos estudantes?
3. A escola promove formações ou discussões entre os professores sobre orientação vocacional?
4. Como você percebe a participação da gestão escolar nesse processo?
5. Os estudantes demonstram dúvidas ou buscam orientação sobre o futuro profissional nas suas aulas? Como você lida com essas questões?
6. O que poderia ser feito, em sua opinião, para melhorar ou fortalecer o apoio aos alunos nesse tema?
7. Como você avalia a articulação entre gestão, professores e demais profissionais da escola nesse processo?

APÊNDICE C: ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ESTUDANTE

1. Qual seu ano/série atual no ensino médio?
2. Você já participou de alguma atividade na escola relacionada à escolha de
1. Carreira /profissão? Se sim, qual?
2. Essas atividades ajudaram você a refletir sobre o seu futuro profissional?
Por quê?
3. Você sente que tem apoio da escola (professores, coordenação, direção) na
escolha de uma carreira profissional? Explique.
4. A escola oferece algum projeto ou programa específico voltado à orientação
vocacional? Se sim, como ele funciona?
5. Que tipo de apoio ou atividade você gostaria que a escola oferecesse para
ajudar na sua escolha profissional?
6. Em sua opinião, qual o papel da direção escolar na orientação vocacional
dos alunos?
7. Deseja comentar algo mais sobre como a escola pode contribuir com sua
escolha profissional?